

# **A ORDEM DAS FRASES E O FENÔMENO DA TOPICALIZAÇÃO EM LIBRAS**

*Anna Alice de Sousa Nunes*

[annaalicesn@gmail.com](mailto:annaalicesn@gmail.com)

*Seminário de Português – João Paulo VitorioMiranda*

## **Resumo**

O presente artigo tem como finalidade investigar características históricas e atuais da língua de sinais no Brasil e no mundo, para que possa ser analisada a evolução desta língua e o espaço que ela ocupa na sociedade. Outra finalidade é destacar que a língua de sinais possui propriedades de linguagem, e assim, estudar uma delas, a sintaxe. Dentro desta área será observada a importância da ordem das palavras na formação de uma frase em libras e a ocorrência do fenômeno da topicalização.

## **Abstract**

This article aims to investigate historical and current characteristics of sign language in Brazil and in the world, in order to be analyzed the evolution of language and the space it occupies in society. Another purpose is to highlight the language properties of the sign language, and thus, study one of them, the syntax. Within this area will be observed the importance of the word order in the formation of sentences of Brazilian Sign Language and the occurrence of the topicalization phenomenon.

**Palavras-chave:** Libras. Língua de sinais. Surdos. Ordem. Sintaxe. Tópico.

**Key-words:** Libras. Sign language. Deaf. Order. Syntax. Topic.

## **1 Introdução**

A língua, de acordo com Saussure (1857-1913) é “o conjunto dos signos abstratos presentes na mente como resultado da história cultural e como consequência da prática social.” (SAUSSURE *apud* QUADROS 2007, p. 15) e é o meio de comunicação mais utilizado para interação dos seres humanos. Para Kenedy (2013, p. 27), língua “é o código linguístico existente numa comunidade humana, isto é, língua é o léxico e tudo o que nele está contido ou dele é derivado.”.

Os aspectos linguísticos que compõem uma língua, também de acordo com Kenedy (2013, p. 41-45) são: morfologia, fonologia, sintaxe, léxico, semântica e pragmática. A sintaxe e o léxico serão os principais recursos utilizados para um falante construir frases dentro da sua língua. Assim, é preciso que os falantes saibam as características linguísticas de sua língua – o que é considerado como algo que está inserido na mente humana, ou seja, ao nascer em determinado local e ter contato com

aquele ambiente linguístico o cidadão terá o conhecimento da morfologia, fonologia e os outros componentes de sua língua materna – e que compactuem do mesmo léxico e regras gramaticais para se compreenderem e conversarem entre si.

Com os estudos linguísticos do americano William Stokoe (1919-2000), as línguas de sinais, que sofreram e sofrem restrições até hoje, passaram a ser aceitas como possuidoras de todas essas características linguísticas supracitadas. Neste artigo estudaremos com mais precisão o recurso da sintaxe e o fenômeno da topicalização inserido na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Com o intuito de analisar a Língua Brasileira de Sinais, a partir desses pequenos conceitos, buscamos estudar como se dá a formação das frases em Libras e em língua portuguesa. Na estrutura interna das línguas orais, os fonemas representam aquilo que é falado – o som das palavras –, nas línguas de sinais esta estrutura é representada por meio dos parâmetros visuais – os movimentos e a simultaneidade das palavras –, os quais serão abordados no desenvolvimento deste artigo (BRITO, 2010, p. 35).

A intenção de estudar o tópico na Libras é a de analisar como se dá a construção das frases nessa língua e como isto influencia o entendimento dos usuários de acordo com o modo que o tópico acontece. Observando que a Libras desempenha um papel importante nas práticas de um sujeito surdo, este trabalho tem por fim, a intenção de explicitar a existência da sintaxe em Libras, juntamente com a sua relevância e a necessidade de sua utilização pelos falantes de línguas de sinais.

## **2 Aspectos Históricos – cronologia**

Antes de abordarmos a sintaxe da Libras falaremos um pouco sobre os aspectos históricos das línguas de sinais até serem consideradas como língua. Para dar início, julgamos ser necessário citar dados estatísticos, assim poderemos ter uma ao menos uma noção e uma visão mais ampla da população surda no Brasil.

O órgão brasileiro que realiza este tipo de pesquisa é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esta instituição executa o recenseamento demográfico a cada 10 anos, sendo o último tendo sido realizado no ano de 2010. O censo não realiza uma pesquisa específica sobre a quantidade de pessoas surdas e sim a quantidade de pessoas com deficiências auditivas e seus respectivos graus (não consegue de modo algum, grande dificuldade e alguma dificuldade). Desta maneira, unindo todos os graus considerados, são aproximadamente 9,7 milhões de brasileiros que possuem deficiência auditiva, – o que retrata 5,1% da população total – destes, 344, 2 mil são surdos. Estes

dados nos mostram o tamanho da comunidade surda no Brasil e das pessoas que, provavelmente, fazem uso de Libras para se comunicarem.

A comunicação das pessoas surdas sempre ocorreu por meio dos sinais, desde as comunidades mais remotas, antes do reconhecimento de uma língua propriamente dita como língua de sinais, os surdos se comunicavam pelos gestos com significados. Um exemplo disto é o registro que encontramos em Gesser (2009, p.36) que descreve uma ilha de Massachussets, nos Estados Unidos, onde a maioria das pessoas que a habitavam – devido a uma questão hereditária – eram surdas. Para se comunicarem elas utilizavam os sinais ingleses, pois os primeiros habitantes a ocuparem a ilha eram da Inglaterra. Os sinais eram usados entre si com seus respectivos significados de forma que todos poderiam conversar e se entender.

Em seguida, surge na Espanha o monge espanhol Pedro Ponce de León (1520-1584) que ficou conhecido como a pessoa que introduziu o verdadeiro processo de educação dos surdos na sociedade. Ele desmentiu o fato afirmado pelos médicos de que os surdos possuíam lesões no cérebro, assim despertou nos nobres o interesse em educar seus filhos surdos. (MOURA, 2000)

Iniciar esse processo de educação chamou a atenção das pessoas que ainda acreditavam que, por não possuírem linguagem oral, os surdos eram totalmente incapazes de aprender.

Os primeiros registros das características linguísticas de uma língua de sinais foram feitos na França pelo Abbé de L'epée(Charles Michel de L'Epée: 1712 -1789). Ele conheceu duas gêmeas surdas que para conversarem utilizavam os sinais, interessado, começou a desenvolver, com seriedade, análises linguísticas dos gestos usados pelos surdos (STROBEL, 2009, p.22). No século XVIII, L'Epeé cria em Paris a primeira escola para surdos, o Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris, originalmente chamado de Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris (MOURA & LODI & HARRISON, 1997, p.4), um marco histórico para as pessoas surdas. Por meio deste Instituto, que era público, começou a se propagar a educação para os surdos de todas as classes. Dando continuidade aos estudos, o próprio L'epée instituiu os sinais franceses no Instituto. Com o progresso da língua de sinais acontecendo na França, outros países começaram a desenvolver pesquisas sobre a linguagem dos surdos, e inclusive os sinais franceses serviram depois como base para surgimento dos sinais brasileiro e americano (GESSER, 2009, p.36).

Em 1814, nos Estados Unidos, o educador americano Thomas Gallaudet (1787-1851) – posteriormente veio a fundar a primeira escola para surdos norte-americanos –, observando uma criança surda, a pequena Alice Gogswell, se atenta para o modo como os surdos se comunicam e passa a pesquisar sobre possibilidades e formas de comunicação de pessoas surdas (STROBEL, 2009, p. 23). Então, em 1816, Gallaudet, interessado no método utilizado no Instituto de L’Epeeé, viaja até a Europa para aprofundar seus conhecimentos sobre a comunicação destas pessoas. Com a ajuda de Laurent Clerc (1785-1869) – aluno que instruiu Gallaudet dentro do Instituto – o norte-americano aprende os sinais e retorna para os Estados Unidos um ano depois para fundar, juntamente com Clerc, o Asilo Connecticut para a Educação e Instrução das Pessoas Surdas Mudas (*The Connecticut Asylum for the education and instruction of deaf and dumb persons*), posteriormente chamada de *Hartford School*, a qual utilizava a língua de sinais para ensinar os novos professores e alunos que nela trabalhassem ou estudassem. (MOURA & LODI & HARRISON, 1997, p.6)

A aceitação, por parte da sociedade ouvinte, a respeito da utilização da língua de sinais demorou a acontecer, visto que, a maioria dos pesquisadores e educadores seguiam a linha oralista de pensamento e pesquisa, e acreditavam que os surdos deveriam tornar-se oralizados. Esta aceitação ficou ainda mais árdua devido a decisão do Congresso Internacional de Educadores Surdos, realizado em Milão (1880) e o seu “impacto na construção educacional dos surdos”. Neste evento encontravam-se pesquisadores e intelectuais, sendo a maioria da linha oralista, que estavam ali para discutir e decidir qual seria a forma que os surdos iriam aprender nas escolas a partir daquele momento. No encontro que reuniu 164 representantes da educação surda foi colocada em questão a maior rivalidade da história da educação dos surdos: oralismo X gestualismo/língua de sinais. (STROBEL, 2006, p.11 e 12).

Os educadores do Congresso de Milão, por meio de uma votação injusta – visto que mais de 70% dos representantes eram oralistas e que os professores surdos presentes tiveram seus discursos ignorados e foram proibidos de votar –, decidiram que a partir daquele momento seria institucionalizado o oralismo puro como sendo a forma mais apropriada, única e obrigatória para ensinar pessoas surdas. Esta resolução tornou a língua de sinais proibida e ignorada com a alegação de que o uso de gestos afetava a capacidade de falar das crianças e as deixavam preguiçosas. (STROBEL, 2006, p. 13 e 14)

É notável que a história das pessoas surdas foi sendo construída por seres ouvintes e não por elas próprias. Os ouvintes sempre conduziram os surdos como se fossem capazes de entender o que era ou não mais eficaz para estes indivíduos.

A criação e aceitação tardia não impediu que os surdos aprendessem a língua de sinais em seus respectivos países. Anterior a estes fatos, os surdos eram proibidos de usarem as mãos para se comunicar, muitas vezes foram algemados ou castigados em suas escolas por não estarem utilizando a leitura labial para conversar com outras pessoas. (GESSER, 2009, p.25).

Após esse período de proibição, em 1957, o pesquisador gestualista e professor do Gallaudet College de Washington, William Stokoe (1919-2000) apresentou a possibilidade de os surdos terem a língua de sinais como língua natural. Dessa forma, Stokoe registrou a Língua Americana de Sinais (ASL – American Sign Language) descrevendo-a com todas as propriedades de uma língua oral. Seu estudo foi um ponto de partida para que outros pesquisadores da Europa e dos Estados Unidos seguissem a mesma linha de pesquisa. Por conseguinte, as línguas de sinais existentes passaram a ser descritas com características linguísticas, de forma que elas deixariam de ser meramente gestos com significados e seriam vistas como qualquer outra língua (LODI, 2004, p.4).

Posteriormente à propagação do ensino para surdos na Europa e nos Estados Unidos, voltamos no tempo e nos atentamos para a chegada do ensino de surdos no Brasil. Ocorreu no momento político do Brasil Imperial, onde o atual Imperador da época, D. Pedro II solicitou que o professor e mestre francês Eduardo Huet (1822-1882) viesse ao país para ensinar os surdos e também para inaugurar uma escola com essa finalidade (GESSER, 2009, p. 37).

De acordo com Sabanai (1981, p.2) Huet se baseava nas ideias de L'Epeé para ensinar, e apesar da proibição da língua de sinais no Congresso de Milão, o professor, baseado nos sinais franceses, a ensinava para os brasileiros. A vinda desse mestre foi de grande importância para os surdos do Brasil, que aprendendo a língua de sinais conseguiriam se comunicar e seriam alfabetizados. E então, em 26 de setembro de 1857 foi inaugurada, no Rio de Janeiro, a primeira escola para surdos no Brasil (GESSER, 2009, p.37), conforme Sabanai (1981, p.2) a escola foi chamada inicialmente de Imperial Instituto de Surdos-Mudos e posteriormente Instituto de Educação dos Surdos (INES), sendo este o nome atual da escola que está em vigor e exercício até os dias de hoje.

Com a vinda da educação de surdos para o Brasil, foi possível o surgimento de estudos que criassem os sinais brasileiros. Em Sofiato & Reily (2011) no volume 16 da Revista Brasileira de Educação encontramos a trajetória do aluno do Instituto Imperial e primeiro professor de Libras do Brasil, Flausino José da Costa Gama (ressalta-se aqui que não foram encontrados dados biográficos precisos sobre o professor na pesquisa realizada).

Flausino se destacou por produzir aos 18 anos a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (1875), – baseada em uma publicação francesa – considerada a primeira obra em formato de dicionário que descreve a língua brasileira de sinais. A criação de Flausino chamou a atenção por apresentar, naquela época, imagens representando os sinais e os seus respectivos significados em Língua Portuguesa. A publicação desta Iconografia popularizou a língua de sinais e a sua importância para a comunicação da comunidade surda. Após algum período os sinais brasileiros passam a ser chamados de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

Atualmente, a Constituição do Brasil, na Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, reconhece a Língua Brasileira de Sinais - Libras como sendo um meio legal de comunicação:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.(Constituição Federal)

As pessoas surdas aos poucos foram ganhando espaço na sociedade brasileira, Strobel (2009, p.28) destaca alguns nomes que se sobressaíram assumindo papéis que os surdos nunca tiveram a oportunidade de alcançar, por exemplo: Vicente de Paulo Penido foi ordenado como padre, o pernambucano Antônio Pitanga tornou-se escultor e teve seu trabalho reconhecido com prêmios, entre outros. Isto mostra a mudança da visão da sociedade sobre estas pessoas.

Com esta inserção, pouco a pouco foram surgindo, no Brasil, grupos e comissões com a intenção de representar as pessoas surdas dentro da comunidade brasileira. Portanto, em 1930, no Rio de Janeiro, foi criada a Associação Brasileira de Surdos-Mudos, composta por ex-alunos surdos do INES, alguns anos depois a associação foi fechada. Em 1954, no estado de São Paulo, foi fundada por um conjunto de pessoas surdas, a Associação dos Surdos de São Paulo, que está em atividade até os dias atuais. (RAMOS, 2004, p.2)

Em seguida, no ano de 1977, um grupo de profissionais ouvintes que estavam relacionados à questão dos surdos fundam a FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos) (STROBEL, 2009, p. 28). Com o passar de alguns anos, os surdos começaram a participar das reuniões da federação, e em razão da FENEIDA ser liderada e direcionada por ouvintes, os integrantes surdos, em 1983, criaram a Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos para que pudessem tomar decisões e que assumissem os cargos da direção. À vista disso, em 1987 ocorreu uma assembleia em que estava decidido, através de votação, o fechamento da instituição, deste modo, um grupo de surdos sugeriu a criação de uma nova federação, a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos). (RAMOS, 2004, p.2)

A nova federação encontra-se em funcionamento até os dias atuais, sua atuação tem grande importância para a comunidade surda, porque luta pelo espaço do surdo dentro da sociedade brasileira de forma cultural, profissional, estudantil e assistencial:

A FENEIS é uma instituição não-governamental, filantrópica, sem fins lucrativos, com caráter educacional, assistencial e sociocultural. São setenta e sete entidades filiadas espalhadas pelo Brasil (em junho/2001), três escritórios regionais (Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre), além da matriz no Rio de Janeiro (sede própria) (...). Suas lutas são inúmeras, passando pela inclusão de profissionais surdos no mercado de trabalho (atualmente são mais de 800 surdos empregados em convênios firmados com empresas de vários tipos, além de apoio ao emprego direto); assistência jurídica gratuita para todo surdo que procurar a instituição; serviços gratuitos (para os surdos) de capacitação de intérpretes de LIBRAS/português para atividades como consultas médicas, audiências, etc. (RAMOS, 2004, p. 5 e 6).<sup>1</sup>

A respeito da língua de sinais como um todo o último avanço para a comunidade surda foi a criação do *signwriting*, em português “escrita de sinais”, esse sistema foi

---

<sup>1</sup> Atualmente, a Feneis possui 5 regionais: Distrito Federal, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Fortaleza.

produzido em 1974 por Valerie Sutton, uma dançarina que havia criado anteriormente sinais para a dança. A autora Stumpf (2005, p. 51 e 52) nos mostra o que é exatamente esse sistema:

O sistema pode representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. O SignWriting pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia.

O sistema possui símbolos que representam as palavras nas respectivas línguas de sinais, sendo que esses símbolos quando forem grafados estarão representando todo o movimento que é realizado pelas mãos durante a fala da língua de sinais. (STUMPF, 2005, p.57).

Isto quer dizer que com este sistema o indivíduo surdo consegue ler a língua de sinais sem necessariamente saber a língua oral de seu país. E não somente ler, como também pesquisar, aprender, escrever entre outras atividades sem perder o vínculo com a língua de sinais, que é tão importante para os surdos.

### **3. Aspectos linguísticos**

De acordo com o que foi visto na introdução do presente artigo, as línguas de sinais foram consideradas como possuidoras de características linguísticas que as línguas orais possuem. Para um maior esclarecimento destas particularidades da língua, faremos uma breve descrição dos conceitos de: fonologia morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, abordando de uma forma geral as suas propriedades.

#### **3.1. Fonologia**

A fonologia estuda o modo sistemático como os sons da língua se estruturam, esses sons são chamados de fonemas. Ao tratar destes fonemas, a fonologia analisa os sistemas de sons, como se descrevem, se organizam e se diferenciam. Dessa forma, esta propriedade linguística examina a combinação dos próprios fonemas para formarem sílabas, palavras e frases. (MATZENAUER, 1996, p. 11).“Por exemplo, conseguimos distinguir a forma da palavra *bode* e da forma da palavra *pode* porque nosso módulo identifica nessa oposição o traço fonológico de sonorização”. (KENEDY, 2011, p. 41)



### **3.2. Morfologia**

Com a combinação dos fonemas chegamos ao estudo dos morfemas, que são os elementos responsáveis, através de sua união, pela formação das palavras. É por meio do conhecimento fonológico, e também fonético, que compreendemos as palavras da nossa língua. A morfologia é a categoria linguística que faz justamente a análise destes morfemas, da maneira como se dá a formação das palavras e as suas possíveis e inúmeras variações de acordo com: tempo, número, gênero e pessoa. (QUADROS, 2007, p. 19)

Citemos como exemplo o que constatamos nos verbos, eles podem variar de acordo com número, tempo e pessoa sem perder o seu radical, que é a sua parte invariável.

Veremos a seguir um modelo de flexão verbal que explica o funcionamento da morfologia:

Amar (infinitivo)

Eu amo (Presente, 1ª pessoa do singular)

Nós amamos (Presente, 1ª pessoa do plural)

Eu amarei (Futuro, 1ª pessoa do singular)

Eu amei (Pretérito perfeito, 1ª pessoa do singular).

E assim por diante. Ao flexionarmos os verbos teremos suas variações acontecendo de acordo com a adição ou subtração de morfemas. (KENEDY, 2011, p. 42)

### **3.3. Sintaxe**

A partir da formação das palavras alcançamos a formação das frases. Os morfemas formam as palavras, e com a combinação delas os seres humanos são capazes de formarem e compreenderem frases infinitas. A sintaxe, então, se dá pela área da linguística que estudará essas sentenças combinadas e formadas, bem como a relação lógica das palavras na estrutura interna das orações. (QUADROS, 2007, p. 20 e 21)

Quando damos início a uma frase podemos complementá-la de forma infinita sem perder o sentido.

Exemplo: Eu comi o bolo.

Eu comi o bolo ontem.

Eu comi o bolo ontem porque tive fome.

Eu comi o bolo ontem porque tive fome e trabalhei demais.

E assim por diante. A sintaxe irá analisar, separadamente, todos os constituintes destas frases, e assim poderá dizer como eles funcionam, suas classificações e significados sintáticos.

### **3.4. Semântica**

A semântica é definida como sendo a parte que analisa a compreensão do significado das palavras e das sentenças. Em Cançado (2005, p. 16) encontramos uma excelente explicação para este ramo linguístico:

O linguista busca descrever o conhecimento linguístico que o falante tem de sua língua, assumimos, mais especificamente, que o semanticista busca descrever o conhecimento semântico que o falante tem de sua língua. Por exemplo, esse conhecimento permite que um falante de português saiba que as duas sentenças abaixo descrevem a mesma situação:

- (1) a. O João acredita, até hoje, que a terra é quadrada.
- b. O João ainda pensa, atualmente, que a terra é quadrada.

### **3.5. Pragmática**

Ainda de acordo com Cançado (2005, p.16) vemos o conceito da pragmática, que constitui-se pela capacidade linguística do ser humano em entender sentenças, mesmo que não sejam descritas ou faladas de forma totalmente explicativa, é o uso da linguagem aplicada em contextos. Em Kenedy (2011, p. 45) encontramos exemplos de como ocorre o uso da pragmática:

Se chegamos atrasados numa aula e o professor nos pergunta com voz ríspida “Você sabe que horas são?”, entendemos, pelo contexto, que isso é uma repreensão pelo atraso e não um pedido de informação sobre as horas. (...) tais significados não estão inseridos na frase citada. Eles se dão no contexto pragmático em que tais frases se inserem.

## **4. Aspectos Sintáticos das Línguas de Sinais e Línguas Orais**

Após descrevermos as definições de alguns dos aspectos linguísticos, aprofundaremos, neste tópico, os estudos na área da sintaxe. De acordo com o dicionário Aurélio (2009) sintaxe é “parte da gramática que estuda a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso, bem como a relação lógica das frases entre

si; construção gramatical.”.A sintaxe é responsável por abordar a gramática das sentenças, ideia primordial para a formação de uma frase dentro de uma língua é a ordem/sequência de termos, o que interfere diretamente na interpretação da oração.Segundo Leite (2008, p.28) foi só a partir da década de 70 que as línguas de sinais foram estudadas como possuidoras de estrutura frasal, até então acreditava-se na hipótese das línguas de sinais possuírem ordem livre, uma vez que nas sentenças, os verbos, o sujeito e o objeto apareciam em posições diferentes. Com o passar do tempo, os pesquisadores notaram que além dos sinais manuais, os surdos utilizavam os sinais não-manuais, sendo assim, passaram a observar como era realizada a ordem da frase e o contexto do uso de sinais não-manuais. Portanto, a elaboração das frases em língua de sinais passou a ser estudada de outra forma. (LEITE, 2008, p.28 e 29)

A ordem básica das palavras nas orações é sujeito (S) + verbo (V)+ objeto/complemento (O), mas este fator não significa que as línguas não apresentem uma variação na estrutura frasal, em português, por exemplo, o padrão é a ordem SVO, porém encontramos esta ordem invertida em textos ou falas. A autora Quadros (2008, p. 14) ao abordar este tema, faz uma observação interessante, afirmando que apesar das línguas possuírem uma variação na ordem da oração (podendo ser VSO, SOV entre outras), elas possuem uma sequência que é sempre mais utilizada ou que é vista como padrão, mesmo que exista uma outra alternativa para se construir determinada frase.

Para falar em línguas de sinais também é necessário saber qual é a ordem das palavras adequada de se estruturar uma frase – considerando que esta ordem pode ser alterada de acordo com a nacionalidade da língua de sinais utilizada.

Para abordar especificamente a disposição das palavras nas orações em Libras, observamos, brevemente, como se dá a organização das palavras dentro da ASL (*American Sign Language*) a qual a relação com a Língua Brasileira de Sinais é de semelhança, veremos o por que a seguir. Em Brito (2010, p. 60 e 61) vemos que a ASL possui como primordial a sequência SVO e que a variação desta ocorre em detrimento de algumas ocasiões, como por exemplo o local dos referentes, uso do corpo, uso de sinais e outros. Estas situações podem ser comparadas com variações que ocorrem nas línguas orais, mas recebem outros nomes e se dão de outras formas, pelo fato do verbo na línguas de sinais ser representado de outra forma e necessitar do espaço físico e visual.

A Língua Brasileira de Sinais compartilha da mesma ordem e variação da ASL, mas por possuir uma versatilidade considerável na estrutura das orações apresenta-se

um pouco mais dificultosa quando o seu padrão de ordem das palavras é analisado. (QUADROS, 2008, p. 15)

## **5 Sintaxe da Libras**

Para aprofundar a sintaxe em Libras vamos nos basear na dissertação de Miranda (2014). Em seu trabalho encontramos que a sintaxe da Libras só começou a ser estudada no Brasil nos anos 80 com estudos e pesquisas de autores que passaram a se interessar pelo tema. Abordamos acima o conceito de sintaxe, sabendo que esta é a área da linguística que estuda a formação de frases e a estrutura frasal das línguas, passamos a observar a sentença em Libras. Miranda (2014, p. 22) faz a seguinte observação, diferente do português, as orações em libras apresentam a ausência de alguns constituintes, como a preposição, a conjunção e verbos de ligação. Da mesma forma que alguns termos da língua portuguesa se ausentam em Libras, outros, que não compõem o português se fazem presentes nessa língua de sinais, como verbos direcionais, de concordância e outros. Como forma de conclusão da sintaxe em Libras, Miranda (2014, p. 22 e 23) faz a seguinte afirmação:

Os principais aspectos linguísticos da sintaxe de Libras, conforme Stumppf (2005 p. 25), são: exploração do uso do espaço (organização de objetos e referentes e não-presentes); uso da 23 marcação de concordância nos verbos com concordância; uso dos elementos necessários para marcação de concordância com verbos sem concordância (auxiliar, ordem linear, topicalização e foco); uso de estruturas complexas (interrogativo, relativas e condicionais); uso de topicalização; uso de estruturas com foco e uso de marcação não-manual gramatical para realização de concordância; perguntas QU e sim/não; negação. Todos esses aspectos são abordados por diversos autores, mas não foram ainda aprofundados.

### **5.1. Verbos**

Como dito anteriormente, estamos analisando a ASL, para também avaliar a Libras. Em Gesser (2009, p.14) estudamos que Stokoe fundamentou três pontos que constituem os sinais na ASL, que são: Configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA) e movimento (M). Essas três características aparecem em libras e são relevantes para o uso da língua de sinais. Ao mudarmos o ponto de articulação ou a configuração da mão podemos fazer o mesmo sinal e indicar palavras diferentes.

Este detalhe, apesar de fazer parte da estrutura fonológica das línguas de sinais, deve ser citado para compreendermos a descrição dos verbos, pois eles dependem

desses três pontos para serem expressados, tanto para indicar uma conjugação verbal ou o tipo de verbo, quanto para marcar se a frase é afirmativa ou negativa. (GESSER, 2009, p. 16)

Há em Libras, assim como na ASL, dois fundamentais tipos de verbos que são chamados de direcionais e não-direcionais. Para analisar os verbos da língua brasileira de sinais nos baseamos em Quadros (2007).

Os verbos direcionais são aqueles considerados possuidores de concordância. Ou seja, possuem um ponto inicial e um ponto final. Sendo que o inicial é o sujeito e o final é o objeto. A marca de concordância é verificada na ação do sujeito que reflete no objeto.

Exemplo: Eu te aviso. Você me avisa.

A ação começou no sujeito “Eu” que vai avisar algo a alguém. Da mesma forma que a pessoa que será avisada pode expressar “Você me avisa” sendo que o “você” foi o ponto inicial e o a pessoa avisada será o ponto final. Estes verbos são chamados de direcionais pelo fato da direção do movimento que é feita com o sinal. O movimento começa na pessoa que monta a frase e termina na pessoa que ela quer atingir. Isto posto, podemos dizer que os verbos direcionais dependem sempre de um sujeito e um objeto.

Os verbos não direcionais se diferenciam dos direcionais por não possuírem a marca de concordância. Eles são utilizados no modo infinitivo. Não precisam, necessariamente de um objeto para completar a oração.

Exemplos:

Eu entendo.<EU ENTENDER><sup>2</sup>.

Eu como. <EU COMER>.

Eu ando. <EU ANDAR>.

Eu falo. <EU FALAR>

Se no português, os falantes fazem uso da conjugação verbal, em Libras os recursos estão nos advérbios de tempo ou expressões de passado/futuro para indicarem

---

<sup>2</sup>Os exemplos citados em Libras foram feitos pelo Professor e Mestre em Libras da Universidade de Brasília – UnB, João Paulo Vitorio Miranda.

o tempo verbal que querem utilizar. Os verbos em Libras são expressados de maneira diferente da língua portuguesa.

Brito (2010, p. 62) analisa a conjugação verbal de forma simples e direta, se não há marca de tempo para os verbos, conseqüentemente eles ficam no modo infinitivo. Nos sinais também são utilizados os pontos supracitados que foram descritos por Stokoe. Por exemplo, ao proferir algo que já foi realizado um falante da língua portuguesa diz:

Eu viajei para Salvador nas férias.

Eu viajarei para Salvador nas férias.

Como os advérbios de tempo serão cruciais para expressar o tempo da ação eles aparecem no início da frase, antes do verbo. Portanto, o usuário da Língua Brasileira de Sinais quando quer se referir à algo que fez ou irá fazer, faz uso dos recursos temporais. Não é feita a conjugação verbal alterando a forma do verbo e sim a estrutura da frase.

Exemplo:

<PASSADO EU COMER-MUITO>

<AGORA EU EVITAR COMER>

Observa-se que o advérbio é utilizado antes para que o interlocutor entenda quando a ação foi realizada, já que o verbo estará no infinitivo.

## **5. 2Tópico em Libras**

Para entendermos esse fenômeno, é preciso que antes saibamos o seu conceito. Percebeu-se que ultimamente os falantes de língua portuguesa, aqui no Brasil, estavam praticando na fala e na escrita um fenômeno denominado “topicalização”, esta ocorrência, de acordo com Ignacio (2007, p. 1) se dá basicamente da seguinte maneira:

Muito frequentes na língua falada dos brasileiros são as topicalizações. São fenômenos que ocorrem quando certos constituintes de uma oração, sejam eles o sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal, complemento nominal ou adjunto adverbial, aparecem deslocados para a esquerda da mesma. Numa sentença da língua falada, será ele quem irá iniciar a oração, de modo que se perceba que o interlocutor faz um pré-anúncio daquilo que vai proferir na seqüência.

Até então estudamos e analisamos que a ordem básica das sentenças, por meio de uma visão geral, é a SVO. Porém, alguns pesquisadores, como Fischer (1973) e Liddell (1980) começaram a rever esta questão de ordem, e por fim, observaram uma variação na estrutura frasal da ASL que poderia ser definida como uma topicalização. (QUADROS, 2007, p.136)

E em Libras este fenômeno ocorre de maneira mais frequente, que poderia até ser chamada da ordem básica da formação das sentenças nesta língua. Até então não se pode afirmar que a topicalização é a ordem natural das frases em Libras, há uma hipótese em que pode ser feita é de que o tópico é muito mais utilizado do que a ordem SVO. Não podemos fazer uma afirmação a respeito do tema, pois não possuímos pesquisas, vídeos, entrevistas e outros que comprovem tal fato.

A topicalização na Língua Brasileira de Sinais se dá de maneira que a ordem da sentença resulte em OSV:

A distribuição do sujeito e objeto seria bastante estrita e a aparente variabilidade decorreria de dois fatores: os sujeitos e os objetos poderiam ser omitidos da oração principal quando já se mostrassem proeminentes no discurso precedente; e a oração como um todo poderia ser antecedida por tópicos. (LEITE, 2008, p. 29)

Vejamos pelo exemplo abaixo:

Exemplo: O cachorro atacou o gato (SVO)

CACHORRO JÁ ATACAR GATO

O gato (tópico), o cachorro atacou (comentário)

GATO, CACHORRO JÁ ATACAR

Ocorre o deslocamento do objeto que foi atacado, no caso, o gato, e a ordem da sintática da frase passa a ser OSV. Neste exemplo o ataque começa no cachorro (ponto inicial) e termina no gato (ponto final). Quando ocorre a topicalização o gato não deixa de ser o objeto atacado, passa apenas a ser tópico da frase.

Em Brito (1995, p. 2) vemos que esta ordem OSV é preferivelmente utilizada em Libras, e a ordem SVO só é utilizada quando não existe a possibilidade de se usar a topicalização, ou seja, de descolar os constituintes. Mas esta afirmação não impede que frases na ordem SVO sejam elaboradas. Estamos, apenas, querendo utilizar uma hipótese para a confirmação de que a Libras é uma língua do tipo tópico-comentário, diferente da língua portuguesa que é uma língua de base sujeito-predicado. Ao construir

uma frase em Libras temos que lembrar que esta língua obedece regras que não são as mesmas da língua portuguesa, ela é toda baseada na percepção visual-espacial e na maneira como a pessoa surda processa as ideias.

## **6. Considerações Finais**

Para compreender uma língua, temos que compreender juntamente com ela, a sua gramática, pois ambas estão ligadas de forma inseparável. A gramática não é utilizada apenas para definir nomenclaturas ou classe, ela está presente em todos os momentos, pelo fato de sempre estarmos construindo frases para nos comunicar.

Por isso é preciso compreender, dentro de uma língua, como se dá a ordem sintática de seus constituintes, como eles são utilizados, com qual frequência os usuários de determinada língua fazem uso das palavras, das formas gramaticais. Se não temos conhecimentos gramaticais da língua não conseguimos nos comunicar com os falantes da própria. Por esse motivo optamos por estudar a formação de frases em Libras, para saber como os surdos se expressam e se comunicam, também para dizer que libras não é uma tradução simultânea da língua portuguesa, é uma Língua independente.

Da mesma maneira que é possível construir sentenças diversificadas em língua portuguesa constrói-se em Libras. Com os estudos feitos para a realização deste artigo chegamos à conclusões consideráveis acerca deste tema.

Vimos que o tópico em Libras ocorre de maneira mais frequente, sendo assim podemos considerá-lo como preferível pelas pessoas surdas ao construírem suas frases em Libras. Algumas pesquisas informam que a ordem principal das palavras nas orações em libras é OSV e outras apontam que é SVO. Não podemos afirmar com certeza que a ordem sintática em Libras é uma ou outra, pois existem pesquisadores que acreditam em dois viés. Sendo assim, com os estudos realizados para esse artigo, chegamos à conclusão que tanto a ordem SVO, quanto a ordem OSV são aceitas para a formação das frases. A proposta deste artigo foi de situar os estudantes da área nas questões gramaticais desta língua e explicar que ambas as ordens sintáticas das orações são consideráveis como corretas para pesquisadores e usuários da Língua Brasileira de Sinais.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, N. A. **História da Língua Brasileira de Sinais em Campo Grande – MS**, 2005. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo15.pdf>> Acesso em 11/3/15

ALVES, S. L. C. T. **Educação de Surdos. Anotações de uma professora surda**. Dissertação(Mestrado em Educação). Universidade de Sorocaba, São Paulo, 2005.

Associação de Deficientes Auditivos, Pais, Amigos e usuários do Implante Coclear. Disponível em <<http://www.adap.org.br/site/index.php/artigos/20-deficiencia-auditiva-atinge-9-7-milhoes-de-brasileiros>>. Acesso em: 22/6/15.

BALTAZAR, A. e DUARTE, H. **História Antigo vida cada pessoas é surdo**, 2011. Disponível em: <<http://surdoredesociais.comunidades.net/index.php?pagina=1657213693>> Acesso em 10/3/15

BARBOSA, A. M. **A inclusão do surdo no ensino regular: a legislação**. Monografia – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2007.

BISOL, L. **Intrdoução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. n. 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23.

CANÇADO, M. **Manual de Semântica – Noções básicas e exercícios**. Minas Gerais: UFMG, 2005

DALLAN, M.S. S. **SignWriting: Escrita visual para língua de sinais – o processo de sinalização escrita**. 2009

ENSINO SUPERIOR **Atividades Complementares – Estrutura Sintática**. Disponível em <[http://www.ensinosuperior.org.br/atividades\\_complementares/adm/EstruturaSintatica.pdf](http://www.ensinosuperior.org.br/atividades_complementares/adm/EstruturaSintatica.pdf)> Acesso em 1/7/15

FERREIRA, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GESSER, A. **LIBRAS? que língua é essa: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2005. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 22/6/15.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2010. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=rj&tema=censodemog2010\\_defic](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=rj&tema=censodemog2010_defic)> Acesso em: 22/6/15.

IGNACIO, S. C. E. **O fenômeno da topicalização na escrita do vestibular**. Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo, 2007.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008

LODI, A.C.B . **Uma leitura enunciativa da Língua Brasileira de Sinais: O gênero conto de fadas**. PUC, São Paulo, 2004.

MIRANDA, V. J. P. **Voz passiva em Libras? Ou outras estratégias de topicalização?** **Dissertação** (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MORETTI, I. **Regras da ABNT para TCC: conheça as principais normas**. 2014. Disponível em: <<http://viacarreira.com/regras-da-abnt-para-tcc-conheca-principais-normas>>. Acesso em: 11/6/15

MOURA, C. M., LODI, B. C. A., HARRISON, M. P. K. **História e educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais**. In: LOPES FILHO, Otacílio de C. **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo : Roca, 1997. Bibliografia: p. 327-357

MOURA, M. C. **O Surdo: Caminhos para uma Nova Identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 2000.

QUADROS, M. R. & PERLIN, G. **Estudos Surdos II**, 2007. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/estudos2.pdf>> Acesso em: 25/4/15.

QUADROS, R. M. & PIZZIO, L. M. & REZENDE, F. L. P. **Língua Brasileira de Sinais II**. UFSC, Florianópolis, 2008. Disponível em <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua\\_de\\_Sinais\\_II\\_para\\_publicacao.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_II_para_publicacao.pdf)> Acesso em 30/6/15

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RAMOS, C. R. “**LIBRAS: A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros**, 1997. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>> Acesso em: 19/5/15

RAMOS, C. R. **Histórico da FENEIS até o ano de 1988**, 2004. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo6.pdf>> Acesso em: 18/5/15

SABANAI, N. L. “**A evolução da comunicação entre e com os Surdos no Brasil**”, Revista Helb, Brasília, v.1, n 1, 2007. Disponível em: <[http://www.helb.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=92:a-](http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=92:a-)

[evolucao-da-comunicacao-entre-e-com-surdos-no-brasil&catid=1022:ano-1-no-01-12007-issn-1981-6677&Itemid=12](http://www.scribd.com/doc/36517573/2/O-IMPACTO-DO-CONGRESSO-DE-MILAO-EM-1880-NA-CONSTRUCAO)> Acesso em: 28/5/15

SOFIATO, C. G & REILY, L. H **Companheiros de infortúnio: a educação de ‘surdos-mudos’ e o repetidor Flaúsino da Gama**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v.16, n.48, p. 625-812, 2011.

STROBEL, K. **Fundamentos da Educação dos Surdos**, 2006. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/36517573/2/O-IMPACTO-DO-CONGRESSO-DE-MILAO-EM-1880-NA-CONSTRUCAO>> Acesso em: 12/4/15

STROBEL, K. **História da Educação dos Surdos**, 2009. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase\\_HistoriaEducacaoSurdos.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf)> Acesso em: 17/4/15

STUMPF, M. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema Sign Writing: Língua de Sinais no papel e no computador**. Tese. Porto Alegre, 2005.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema SignWriting: Língua de Sinais no Papel e no Computador**, 2005. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5429/000515254.pdf?sequence=1>> Acesso em: 29/6/15

STUMPF, M. R. **Escrita de Sinais I**. Apostila. Florianópolis: UFSC, 2008